



Educação Financeira no Ensino Fundamental Anos Finais: Estudo de Caso em uma Escola Pública e uma Escola Privada do Estado Paraíba

Área temática: Temas Livres em Gestão, Atuária e Contabilidade Geral – TEM

1º Autor

Marizelma Patriota Limeira

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

marizelmapatriota@gmail.com

2º Autor

MARIA DO SOCORRO NICOLLY RIBEIRO DE ALMEIDA

Prof. MS do Colégio Municipal Padre Galvão, da cidade de Pocinhos/PB

nicollyalmeida@hotmail.com

3º Autor

Poliana Ribeiro dos Santos Bezerra

Prof. MS do Colégio Municipal Padre Galvão, da cidade de Pocinhos/PB

poliana_matemática2012@hotmail.com

RESUMO

Nos últimos tempos, pode-se notar, através de pesquisas e demais meios de comunicação, que os novos hábitos da vida moderna vêm conduzindo os indivíduos a um comportamento consumista cada vez mais crescente, inclusive entre crianças, jovens e adolescentes, proporcionando um endividamento gradativamente acentuado, promovido quase sempre pela falta de informação prévia acerca de como lidar com as finanças pessoais. Partindo desse princípio, este estudo teve o objetivo de demonstrar a importância e o nível de conhecimento sobre educação financeira dos estudantes do ensino fundamental anos finais, em uma escola da rede pública e outra da rede privada do Estado da Paraíba. Para tal fim, realizou-se uma pesquisa documental exploratória, de natureza básica e abordagem qualitativa, como procedimento técnico foi adotado a revisão bibliográfica, seguida de um estudo de caso. Os resultados revelaram que, a maioria dos alunos não têm um conhecimento adequado entre necessário e supérfluo, comprar para satisfazer uma necessidade ou um desejo e que, o caderno de anotações ainda é o principal meio de controlar os gastos, principalmente na escola privada. A renda mensal dos alunos das escolas estudadas está entre R\$ 1.500,00 e R\$ 2.000,00, ficando um pouco acima de R\$ 2.000,00 na escola privada. E ainda que, apesar da maioria dos alunos já terem participado de palestras/cursos que ensinam sobre controle de orçamento pessoal, eles desejam ter um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto.

Palavras chave: Educação Financeira. Escola. Estudantes.

1. INTRODUÇÃO

A grave crise econômica de 2020 teve seus primeiros anúncios já no primeiro trimestre de 2019, com o recuo do PIB em 0,2% para o conjunto da economia. Para Mineiro (2019, p. 3). Entretanto, observou-se no mesmo ano que, com o agravamento da pandemia no

Brasil e no mundo, esse índice se elevou consideravelmente, pois de acordo com IBGE (2021), o último trimestre de 2020 os resultados foram desanimadores PIB per capita teve queda recorde, de 4,8%. Apenas a agropecuária cresceu; indústria recuou 3,5% e serviços, 4,5%. Ritmo de recuperação desacelerou no 4º trimestre e economia encerrou o ano no mesmo patamar do início de 2019.

Tal fato se deu em função do enfrentamento de uma pandemia onde as medidas sanitárias para seu enfrentamento foram mobilizadas pela burguesia e pelo Estado demonstrando que a Covid-19 atuou como força matriz para que o governo Bolsonaro e o Congresso Nacional, ambos sob o comando da burguesia, no uso de suas funções, metamorfoseassem a tragédia sanitária em oportunidades de acumulação inflexivelmente requeridas pelos capitais, deixando, na verdade, uma crise econômica sem precedente, e abrindo uma lacuna vida financeira da sociedade (Guimarães, 2020; Setti, 2020).

No contexto das escolas de ensino fundamental essa lacuna tem se mostrado cada vez mais presente uma vez que muitos estudantes, de forma informal ou não, já se encontram inseridos no mercado de trabalho, as vezes envolvidos com programas de estágio, outras vezes na vivência do primeiro emprego. Essas variáveis costumam influenciar os estudantes no sentido de se sentirem ao mesmo tempo que envolvidos com algum tipo de atividade laboral, se sentirem também atraídos pela diversificação de produtos lançados no mercado, tornando-os refém de um consumismo desenfreado.

A Educação Financeira nos tempos atuais vem se destacando como um tema importante que ganha cada vez mais espaço, não só nas empresas, mas também na vida das pessoas. Embora para se ter uma vida financeira equilibrada não se faça necessário ter um conhecimento aprofundado de finanças, é imprescindível que se tenha, no mínimo, conhecimentos básicos acerca do assunto como por exemplo sobre taxas de juros, poupança, orçamentos, cartão de crédito, conta corrente, planos de aposentadoria, inflação, dentre outros.

Grande é a diversidade de produtos e serviços financeiros que atualmente são lançados no mercado, proporcionando ao consumidor maior facilidade de crédito. Tal fato incentiva os indivíduos a um consumo cada vez maior, levando-os muitas vezes ao endividamento, sejam influenciados por razões internas, externas ou socioculturais (Barbosa et. al., 2012).

Assim, pode-se notar que a população jovem pertence a uma fatia da sociedade tida como mercado consumidor bastante vulnerável a adquirir cada vez mais bens de consumo, que necessitando de informações acerca de finanças, por se tornar bastante atrativa a crescentes gastos e inadimplência inevitável.

Para D'Aquino (2015, p. 21), “é função da educação financeira educar as crianças em relação ao consumo e ao dinheiro, criando as bases para que na vida adulta nossas crianças possam ter uma relação saudável, equilibrada e responsável em relação ao dinheiro”, e comenta que, quando trata de assuntos relacionados a educação financeira faz uma observação de como educar financeiramente os jovens em relação a como lidar com o dinheiro focando-se na construção de uma maturidade financeira.

Já Domingos (2012, p. 8) relata sobre o tema que “suas conquistas dependerão – e muito - da sua capacidade de lidar bem com o dinheiro. Isso porque, o dinheiro sempre foi, e continuará sendo, a mola que move o mundo.”

Pesquisas realizada, a exemplo da Serasa Experian, (2018)., grande é o número de indivíduos que, provavelmente, pela falta de informação acerca de questões relacionadas à educação financeira, ou seja, por não terem acesso a qualquer tipo de planejamento financeiro, acabam se encontrando em situações financeiras complicadas, que comprometem

seus orçamentos, além da sua capacidade financeira. Tal fato demonstra a razão do crescente aumento dos níveis de inadimplência.

Em uma observação, de certo modo assustadora, mas bastante consciente, Roubini (2020, p. 1), diz que, “cada componente da demanda agregada – consumo, gasto de capital, exportações – está em queda livre sem precedentes”. Tal afirmação aponta para a necessidade de uma orientação voltada para a educação financeira envolvendo a conscientização dos indivíduos no sentido de se educarem controlando seus gastos de forma consciente e equilibrada para uma maior garantia de um futuro mais digno financeiramente.

É comum se observar que a falta de informações envolvendo a real situação econômico-financeira de estudantes do Ensino fundamental pode resultar em grandes dificuldades no controle das finanças pessoais devido à falta de informações financeiras envolvendo crianças e adolescentes até mesmo no convívio familiar tido como bem equilibrado financeiramente. A falta de uma cultura envolvendo a resguarda e o controle das finanças é presente tanto na escola quanto no interior dos lares desses indivíduos. Portanto, se faz precípua que tais informações sejam oferecidas no sentido de melhor direcionar o controle desses recursos.

Segundo a pesquisa realizada pelo Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT) do Instituto de Economia da UNICAMP e a ABEFIN (Associação Brasileira dos Educadores Financeiros) realizada em 2018 “81% dos alunos educados financeiramente gastam parte do que recebem e guardam outra a parte para os sonhos, enquanto que 19% guardam tudo.”

Diante dessas configurações, o presente estudo buscou responder o seguinte questionamento: **Qual o nível de conhecimento e importância da Educação Financeira para alunos de uma escola pública e uma Escola Privada de Ensino Fundamental no controle efetivo dos gastos destes estudantes?** Nessa perspectiva, a pesquisa em tela teve como objetivo central demonstrar a importância e o nível de conhecimento sobre educação financeira dos estudantes do ensino fundamental anos finais, em uma escola da rede pública e outra da rede privada do Estado da Paraíba., assumindo um caráter qualitativo, utilizando ainda o método da pesquisa bibliográfica. Os dados foram coletados e cedidos pelas escolas para, em seguida, serem tabulados, distribuídos em planilhas Excel e analisados pelos pesquisadores, relacionando-os com o fenômeno investigado.

Nesse sentido, para a academia, essa pesquisa vem, de forma oportuna, contribuir para o fomento de da Educação Financeira nas escolas, fazendo se cumprir exigências legais que constam no Projeto de Lei da Câmara Nº 171/2009, onde o tema da Educação Financeira integrara o currículo da disciplina de Matemática.

Por fim, partindo do pressuposto que apesar de estudos sobre finanças estarem sempre mais voltados para as organizações como um todo, A pesquisa ainda busca contribuir com um gerenciamento de gestão financeira eficaz por parte dos indivíduos pesquisados após a aplicação do estudo, proporcionando a estes uma melhor saúde financeira, levando-os a compreender a importância do dinheiro para a construção de uma vida adulta com maior qualidade, justificando-se desse modo, este estudo.

Este trabalho tem seu conteúdo apresentado pela Introdução, com: questionamento da pesquisa, objetivo geral e justificativa. Em seguida pelo Referencial Teórico com abordagens feitas à Educação Financeira, seguido da Metodologia e posteriormente a apresentação dos resultados e considerações finais com sugestões de pesquisas futuras.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Educação financeira e a sociedade moderna

As influências pelas quais passa a sociedade em função de um capitalismo moderno onde cresce cada vez mais a lei da procura, provocando um crescimento acelerado do consumo e a falta de uma educação financeira tem proporcionado um crescente comprometimento da renda familiar, causando, dessa forma, altos índices de inadimplência por parte da sociedade.

Em relação as discussões voltadas para o consumo, Maia (2000, p. 93), assim se pronuncia:

[...] cabe considerar que o mesmo cidadão que produz no âmbito da economia do conhecimento é, igualmente, consumidor. Por isso, a educação tecnológica básica se transforma em requisito de sobrevivência [...]. Precisa, por conseguinte, ser um consumidor crítico, capaz de estabelecer juízos, tomar decisões, exigir direitos, conhecer seus deveres e se posicionar, permanentemente em face dos desafios de ser cidadão.

Face a isto, é de suma importância que as escolas se posicionem no sentido de orientar os estudantes, ensinando-os a lidar com competências e habilidades acerca de uma educação financeira compatível com o ambiente em que estes estão inseridos. Para Gitman, (2010), “A educação financeira no Brasil ainda é um assunto recente e pouco tratado no cenário familiar e escolar”. Tal evidência aponta para a necessidade da inserção de um trabalho voltado para finanças no meio acadêmico que venha contribuir de forma prática e esclarecedora na educação financeira de tais indivíduos, incentivando-os a levar essa experiência para suas vidas futuras, garantindo a eles um equilíbrio financeiro adequado ao consumo de produtos diversificados lançados no mercado de forma acelerada com o intuito de atrair agentes vulneráveis ao consumo, seja, pela falta de informação, seja apenas pelo desejo de consumir.

Em se tratando da formação de competências e habilidades, um professor que trabalha com crianças e adolescentes, nota-se que este tem uma posição privilegiada, uma vez que aqueles estão em um nível de desenvolvimento de conexões entre o seu comportamento e suas experiências de vida. Por estarem inseridos na vida das pessoas cotidianamente, os hábitos são resultado do processo de formação que elas obtiveram desde a infância, de modo que, em cada conduta expressada, o hábito passa a ser praticado. Sendo assim, é imperativo destacar a influência do desenvolvimento de técnicas e recursos de intervenção em sala de aula pelos professores (Pregardier, 2015). O mesmo autor ainda enfatiza que ao se introduzir atividades sobre temas relacionados à Educação Financeira desde o início da vida escolar, é provável que os alunos passem a dispor de hábitos econômico-financeiros para praticar em sua vida social.

2.2 Educação financeira no Brasil e nas escolas

Embora em alguns países as considerações que permeiam assuntos como, gastar ou poupar, sejam claramente presentes a exemplo da Inglaterra e Estados Unidos, no Brasil, poucas são as abordagens feitas sobre o tema, principalmente nas escolas ou no seio da família onde as crianças se desenvolvem carentes de informações sobre o uso adequado do dinheiro.

Como uma matéria restrita ao campo das finanças a educação financeira, integrou-se institucionalmente à área da Educação no artigo 205 da Constituição Federal de 1988 onde menciona a educação financeira como direito de todos, dever do Estado e da família e deve ser promovida com a colaboração da sociedade. A mesma Constituição Federal ainda estabelece em seu artigo 211 que a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios organizem os diferentes sistemas de ensino em regime de colaboração (BRASIL, 2011).

D'Aquino (2015, p. 8), ressalta que “o Brasil foi palco de pelo menos duas décadas de um inacreditável pesadelo inflacionário”. Entre 1942 e 1994, houve oito mudanças de moeda, sendo que seis aconteceram em um intervalo de vinte anos. A moeda nacional Cruzeiro foi adotada pelo Estado Novo em 1942 no Brasil com o objetivo de unificar o dinheiro em circulação no país.

Com a notória necessidade de uma educação financeira que viesse à auxiliar a sociedade na relação dinheiro e consumo, em 2010 foi instituída, a partir do Decreto Federal 7.397/2010, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), trazendo em seu texto, a ideia de uma mobilização para divulgar e implementar a Educação Financeira no Brasil com o intuito de orientar a população com a introdução de ações efetivas no auxílio a tomada de decisões financeiras. Em uma combinação entre instituições públicas e privadas uma estratégia foi criada, e a partir desta iniciativa, criou-se, então, o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) que é responsável pela direção, supervisão e pelo estímulo da ENEF.

Proposto pela Câmara dos Deputados, o projeto de Lei nº 3.401/2004, trata da criação da disciplina de Educação Financeira nos currículos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Embora o projeto não tenha se efetivado no seu formato original, no ano de 2009, através do Projeto de Lei da Câmara Nº 171/2009, decidiu-se que o tema da Educação Financeira integraria o currículo da disciplina de Matemática.

Contudo, vale salientar que o ensino da Educação Financeira não deve se apoiar apenas na matemática, cálculos e planilhas e mesmo considerando que estas são ferramentas importantes a serem utilizadas, esse discurso deve ser abordado com maior relevância, considerando que os hábitos e costumes da vida cotidiana dos indivíduos influenciam na forma como o dinheiro é utilizado, propondo-se, como a base para a Educação Financeira. (Domingos, 2016).

Por outro lado, apesar de a educação financeira nas escolas ter sido ausente ao longo dos anos, hoje tornou-se obrigatória. De acordo com as determinações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino dessa competência agora é obrigatório no ensino infantil e fundamental.

Aquele parecer do Conselho Nacional de Educação, homologado pelo MEC, determinou que as redes de ensino deveriam estar adaptadas já em 2020. Desse modo, independente das escolas serem públicas ou privadas, há, portanto, a necessidade de implementar as aprendizagens essenciais sobre finanças.

No meio acadêmico, os estudantes também precisam estar inseridos no contexto das finanças, sendo motivados a aprender sobre o tema, tornando-se habilitados a tomar decisões adequadas em relação aos assuntos financeiros, seja na sua vida particular, familiar ou comunitária (Silva; Powell, 2013).

Para (Brasil, 2018, p. 30), [...] a Educação Financeira entra no mundo escolar para ajudar o aluno a desvendar as chaves da organização social em torno do mundo financeiro, com vistas a prepará-lo para usufruir dos benefícios de tal organização, ao mesmo tempo em que procura ajudá-lo a se defender das armadilhas ao longo desse caminho”. Por outro lado,

Modernell (2011, p. 22) diz que “a Educação Financeira deve ser vista como um conjunto de hábitos financeiros saudáveis que contribuam para melhorar a situação, o proveito e as perspectivas financeiras das pessoas”.

Diante dessas configurações, pode-se constatar que a Educação Financeira, quando aplicada de forma efetiva na escola contribui sob diversos aspectos na vida cotidiana dos estudantes, através de informações precípuas acerca de como planejar, controlar e, equilibrar suas finanças quando direcionadas, de forma consciente, para suprir suas necessidades.

2.3 Finanças na vida pessoal dos brasileiros e dos estudantes

Em um mercado de alta competição, é comum se observar que o atingimento de metas estabelecidas no processo de gestão representa a satisfação das pessoas, de modo que estas, movidas pelos atrativos desse sistema, são levadas a adquirir cada vez mais bens de consumo e assim as entidades vão encontrando um caminho seguro para permanecer no mercado, enquanto que a sociedade vai perdendo o caminho que os leva ao equilíbrio de suas finanças. De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) 85% da população brasileira apresentaram dificuldades na gestão das finanças pessoais, levando-as ao desequilíbrio financeiro. Foi observado que, não apenas problemas de baixa renda foi a causa desse índice tão elevado, atribuindo-se também a problemas ligados à má administração dos recursos financeiros e, provavelmente, em razão da facilidade na obtenção de crédito naquele momento.

Apesar da afirmativa acima citada ter sido observada em um passado relativamente distante, a prática mencionada continua acontecendo com o passar dos Pesquisas mais recentes como a Publicada em 27/10/2019 - 13:20 por Dimas Soldi - Repórter da Folha de São Paulo, também revelaram que apenas 25% dos jovens de 18 a 30 anos fazem controle financeiro. Uma pesquisa do SPC Brasil revela que 47% das pessoas da chamada Geração Z – nascidos entre 1995 e 2010 -, não faz controle de seus gastos. As justificativas para a falta de controle das finanças vão de não saber fazer (19%) à preguiça (18%), falta de hábito ou disciplina (18%) e não ter rendimentos (16%).

A saúde financeira dos brasileiros caiu 1,2 ponto na média geral em um ano, que passou de 57,2 em 2020 para 56,0, em 2022, e ainda, na comparação entre a renda e os gastos em casa, 34,2% dos afirmam que o orçamento está mais curto e gastam mais do que ganham. Aponta o Índice de Saúde Financeira do Brasileiro (I-SFB) da Federação Brasileira de Bancos (Febraban) com apoio do Banco Central (BC).

Diante de tais observações, Kiyosaki (2017), é bastante enfático ao afirmar que o foco é que deve mudar, pois histórica e culturalmente as pessoas não costumam ter uma educação financeira desenvolvida desde cedo. Ao invés disso, os indivíduos confundem os fins com os meios, demonstrando uma preocupação excessiva com o dinheiro em si e não com a educação (e o conhecimento), que de fato pode ser considerada a maior riqueza de uma pessoa.

Nessa mesma linha de pensamento, Gitman (2010, p. 107,) diz que “O primeiro passo do planejamento financeiro pessoal é definir suas metas”, e afirma, “você deve estabelecer suas metas financeiras pessoais de maneira cautelosa e realista”.

Dessa maneira, pode-se entender que uma educação financeira bem definida deve auxiliar um indivíduo a lidar com suas finanças sabendo a diferença entre o necessário e o supérfluo e utilizar essa prática no presente, desenvolvendo-a sabiamente ao longo da vida.

A respeito de Educação Financeira, Maia (2000, p. 34), assim se pronuncia:



A educação financeira está relacionada à integração do conhecimento, das competências ou conceitos das diversas áreas do conhecimento, por isso os princípios que a norteiam estão vinculados a contextualização e a interdisciplinaridade e prossegue: A perspectiva interdisciplinar implica reconhecer que todo o conhecimento mantém um diálogo permanente com outros conhecimentos, que pode ser de complementação, de negação, de ampliação e de iluminação de aspectos não distinguido.

O autor supra citado, tem suas ideias consolidadas por Domingos (2013), quando este salienta que é de suma importância a inserção da educação financeira nas escolas, uma vez que ele acredita ser assim que as novas gerações irão nascer e crescer tendo capacidade de avistar e distinguir o que elas terão condições de adquirir, gastar, comprar, sem que isso possa chegar a arriscar ou mesmo comprometer, de alguma forma, a saúde financeira desses investidores do futuro, comenta ele.

Por fim, corroborando com as configurações sobre educação financeira até aqui mencionadas, (BRUTES; SEIBERT, 2014, p. 177), assim se pronunciam, “muito mais do que ensinar a ganhar dinheiro, cortar gastos e poupar, ela orienta a bem utilizar o dinheiro, buscando uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro.”. Para Brutes e Seibert (2014), a educação financeira orienta ao consumo racional dos recursos financeiros, estabelecendo, de forma consciente, o equilíbrio financeiro e proporcionando a condição de um indivíduo se preparar financeiramente para casos de despesas emergenciais ou mesmo para a realização de projetos de vida e uma vida pós laboral mais tranquila.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa será do tipo exploratória. Em sua maioria, as pesquisas exploratórias são feitas com base em levantamentos bibliográficos ou entrevistas (GIL, 2002). A partir do objetivo proposto, as informações foram obtidas através de pesquisa bibliográfica e dados de um estudo de caso em duas Escolas do Ensino Fundamental dois, uma pública e a outra privada, sendo este aplicado pelas escolas. Gil (2002, p. 41), afirma que, “embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso”. (Gil, 2002, p. 41). Quanto à abordagem do problema, esta pesquisa é qualitativa, conforme Raupp e Beuren (2006 apud RICHARDSON, 1999, p. 80): “busca identificar mudanças de comportamento, descrever determinado problema e compreender processos vividos na sociedade”.

O instrumento de pesquisa do estudo de caso foi um questionário cedido e aplicado, na Escola Municipal Padre Galvão, da cidade de Pocinhos/PB, em 2 (duas) turmas de alunos, sendo uma do (sexto) e outra do 8º (oitavo) ano do Ensino Fundamental, contendo cada uma, aproximadamente, 30 alunos, e na Escola SER ÉTICO, Colégio e Curso, em quatro turmas do 6º (sexto) ao 8º (oitavo) ano, para, em seguida, ser tabulado e analisado pelos pesquisadores. O estudo se amparou ainda de seminários de estudos sobre questões relacionadas à educação financeira, e ainda na distribuição de uma cartilha de Educação Financeira. O seminário acadêmico permite que o aluno tenha uma nova visão sobre determinado tema de seu interesse, identificando novas oportunidades e discutindo outras formas para solucionar um problema. (MARCUSCHI op. cit. p.37), diz que “podemos identificar, pois, que o trabalho oral é muito mais do que diferenciá-lo da escrita, uma vez que eles ocorrem num “continuum” tipológico das práticas sociais de produção de texto”.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta parte da pesquisa apresenta-se os resultados do estudo, obtidos por meio de um questionário aplicado pelas escolas, composto por 11 questões objetivas, onde as 5 primeiras evidenciam o perfil dos respondentes e as 6 restantes, a educação financeira nas escolas estudadas, com a finalidade de analisar o perfil social e econômico destes.

4.1 Perfil dos respondentes

Conforme dados obtidos por meio do questionário constatou-se na Tabela 1 que, para um total de 56 alunos da escola de ensino privado, a maioria é masculina no 6º, 7º e 8º ano (52%, 57% e 59%), sucessivamente, enquanto que na escola pública a maioria, tanto no 6º ano quanto no 8º ano, é de alunos femininos, (61% e 57%), sucessivamente. Com relação a série dos alunos respondentes, na escola privada no 6º, 7º e 8º ano estes somaram 25,14 e 17, respectivamente e na escola pública, no 6º e 8º ano somaram 23 e 28, de forma correspondente. De acordo com a idade dos respondentes dos 56 da escola privada, 50% tem entre 10 a 12 anos e a outra metade entre 13 e 14 anos e na escola pública 37% tem entre 10 a 12 anos enquanto que 63% está na faixa etária de 13 a 14 anos. De modo geral, a maioria dos alunos das duas escolas estudadas, estão na idade correta de sua série escolar, se observando uma pequena oscilação desse dado na escola de ensino privado, uma vez que entre o 6º e 7º ano se soma 39 alunos respondentes e 17 deles no 8º ano, o que se pode dizer que, se, em termos percentuais existe 50% de respondentes entre de 10 a 12 anos e 50% na faixa de 13 a 14 anos, essa informação aponta para o fato de que, na escola de ensino privado, existem alunos entre 10 a 12 anos que estão na série errada, ou seja, no 8º ano. No que concerne ao estado civil, os dados mostram que todos os alunos das duas escolas em tese, são solteiros (100%) e ainda do mesmo modo, (100%) moram com a família. Apenas um respondente do 6º ano da escola pública, afirmou morar com os avós, o que, de acordo com o questionamento, também é família.

Tabela 01 – Perfil dos Respondentes

Escolas		Privada		Pública	
Características	Descrição	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Gênero dos respondentes por série	Masculino/6º Ano	13	52%	9	39%
	Feminino 6º Ano	12	48%	14	61%
	Masculino 7º Ano	8	57%	-	-
	Feminino/7º Ano	6	43%	-	-
	Masculino/8º Ano	10	59%	12	43%
	Feminino/8º Ano	7	41%	16	57%
Ensino Privado/Público por Série	6º	25	100%	23	100%
	7º	14	100%	-	100%
	8º	17	100%	28	100%
Idade	10 a 12	28	50%	19	37%
	13 a 14	28	50%	32	63%
Estado Civil	Solteiros	56	100%	51	100%
	Casados	-	-	-	-
	Outros	-	-	-	-
Domicilio dos respondentes	Pais/família	56	100%	51	100%
	amigos	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa, (2024).

4.2 Educação Financeira nas escolas

Conforme a tabela 2, dos alunos da escola de ensino privado 11% tem renda até R\$ 500,00 contra 4% da escola de ensino público, fato interessante, porque é comum se acreditar que os alunos da escola pública têm um percentual maior com relação a baixa renda. Ainda com relação aos alunos da escola privada, para uma renda de R\$ 500,00 até 2.000,00, obtiveram percentuais bem semelhantes (19%, 18% e 16%), ficando a maior concentração de renda para essa escola acima de R\$ 2.000,00 (36%). Por outro lado, os alunos da escola pública tiveram a maior concentração de renda entre R\$ 1.001,00 a R\$ 1.500,00 (29%). Pode-se assim dizer que a maior concentração de renda dos alunos das duas escolas estudadas ficou entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00 ou acima disso. Ainda se pode ver que todos os alunos das duas escolas estudadas, responderam caderno de anotações como principal tipo de controle financeiro (52%, 69%), privada e pública respectivamente, na mesma ordem, vindo em segundo lugar para as duas escolas, anotações no celular, (32% e 19%). Apenas na escola privada existe alunos que usam software financeiro, inclusive, em baixa representatividade, (2%). E ainda ficou evidenciado que, nas duas escolas em questão, privada e pública, existe uma boa parcela de alunos que não se utilizam de nenhum tipo de controle financeiro, (14% e 12%), em ordem correlata. Quando perguntados no que pensam quando compram, a maioria dos alunos das duas escolas privada e pública, responderam satisfazer uma necessidade, (32% e 41%), de forma correspondente. Satisfazer um desejo, teve também índice bem significativo com relação na escola privada, (32%) contra apenas 16% na escola pública. Por outro lado, aproveitar uma oportunidade teve, expressivamente, 33% na escola pública contra 16% na escola de ensino privado. Por fim, os números apontam que, quando se trata de comprar, a maioria dos alunos está dividida entre aproveitar uma oportunidade, satisfazer uma necessidade ou satisfazer um desejo, atentando para o fato de que tais alunos ainda não sabem, precisamente, a importância da diferença entre necessidade e desejo, tão pouco o quanto isso influencia no gerenciamento das finanças. Contudo, notou-se que na escola pública existe uma maior conscientização, por parte dos alunos, com relação a comprar para satisfazer uma necessidade, (41%). Com relação a participar de palestras/cursos que ensinam sobre Controle de Orçamento Pessoal a maioria dos alunos das duas escolas em tela, responderam que sim, (59% e 82%), respectivamente. Mesmo assim, os dados da mesma tabela revelam que uma grande maioria dos alunos nunca participaram, principalmente com relação a escola privada, 41% contra 18% da escola pública, ficando evidente que ainda existe uma grande necessidade de ações acerca de educação financeira por parte das escolas, no sentido de educar crianças e adolescentes a gerir melhor suas finanças e, desse modo, prepará-las para uma vida financeira mais equilibrada. Nesse mesmo raciocínio, a maioria dos alunos, tanto do ensino privado quanto do ensino público afirmaram que sim, gostaria de participar de palestras ou cursos que ensinam sobre controle de orçamento pessoal, (73% e 76%), respectivamente. Quando perguntados sobre a importância da educação financeira, a maioria dos alunos das escolas em estudo, privada e pública, responderam que sim, é muito importante (50%, 43%), nessa ordem, seguidos de 32% e 25% na mesma ordem, que acham importante. Os que acharam pouco importante e desnecessária representaram 8% e 5%, respectivamente, apenas na escola privada, provavelmente por se tratar de um público que tem um poder aquisitivo mais elevado e, por essa razão, não se importarem tanto com o uso adequado do dinheiro, ou talvez apenas por não terem tido informações suficientes do quão importante é saber gerenciar suas finanças. Vale destacar que ao se observar os dados percentuais da referida tabela, a maioria dos respondentes em questão, nas duas escolas

estudadas, acham educação financeira muito importante, afirmando, dessa forma, que os mesmos compreendem a necessidade de ensinamentos acerca de educação financeira, provavelmente, por através das ações do estudo em tela, os mesmos terem entendido que o assunto é muito importante.

Educação Financeira nas escolas – Tabela 2

Escolas		Privada		Pública	
Característica	Descrição	Frequência	Percentual	Frequência	Percentual
Renda Mensal	Até R\$ 500,00	6	11%	2	4%
	De R\$ 501,00 a R\$ 1.000,00	11	19%	8	16%
	De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.500,00	10	18%	15	29%
	De R\$ 1.501,00 a R\$ 2.000,00	9	16%	12	24%
	Acima de R\$ 2.000,00	20	36%	14	27%
Tipo de Controle Financeiro	Caderno de anotações	29	52%	35	69%
	Anotações no Celular	18	32%	10	19%
	Programas como Excel	-	-	-	-
	Software financeiro	1	2%	-	-
	Nenhum controle financeiro	8	14%	6	12%
Quando você compra pensa em	Aproveitar uma oportunidade	9	16%	17	33%
	Satisfazer uma necessidade	18	32%	21	41%
	Satisfazer um desejo	18	32%	8	16%
	Atender um apelo de marketing.	-	-	-	-
	Outros	11	20%	5	10%
Já participou de palestras/cursos que ensinam sobre Controle de Orçamento Pessoal	Sim	33	59%	42	82%
	Não	23	41%	9	18%
Gostaria de participar de palestras/cursos que ensinam sobre Controle de Orçamento Pessoal	Sim	41	73%	39	76%
	Não	15	27%	12	24%
Você acha a Educação Financeira	Indispensável	3	5%	16	31%
	Muito importante	28	50%	22	43%
	Importante	18	32%	13	25%
	Pouco importante	4	8%	-	-
	Desnecessária	3	5%	-	-

Fonte: Dados da pesquisa, (2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação financeira quando bem definida deve auxiliar um indivíduo a lidar com suas finanças sabendo a diferença entre o necessário e o supérfluo e utilizar essa prática no presente, desenvolvendo-a sabiamente ao longo da vida.

O presente estudo teve como objetivo demonstrar a importância e o nível de conhecimento sobre educação financeira dos estudantes do ensino fundamental anos finais, em uma escola da rede pública e outra da rede privada do Estado da Paraíba. Com base nos achados do estudo foi possível concluir que em se tratando de comprar, ainda é bem representativa a falta de conhecimento, na maioria dos alunos das duas escolas estudadas, acerca da diferença entre o que é necessário e o que é supérfluo, não conseguindo, portanto, decidir com precisão, na hora de comprar, se devem fazê-lo para satisfazer uma necessidade ou satisfazer um desejo, fator influenciador no gerenciamento das finanças. Entretanto, notou-se que na escola pública existe uma conscientização maior, por parte dos alunos, com relação a comprar para satisfazer uma necessidade, (41%). Também ficou evidenciado que o caderno de anotações ainda é o principal meio controlar os gastos para todos os alunos das duas escolas em questão (52 e 69%), seguido do uso do telefone celular, mais notoriamente na escola privada (32%) contra (19%) da escola pública. E ainda, que existe uma boa parcela de alunos que não se utilizam de nenhum tipo de controle financeiro, ficando isso mais evidenciado na escola privada, (14%).

Com relação a renda mensal a maior concentração de renda dos alunos das duas escolas em questão, ficou entre R\$ 1.500,00 e R\$ 2.000,00, se elevando um pouco para acima de R\$ 2.000,00 para os alunos da escola privada e ainda, que também a maioria já participou de palestras/cursos que ensinam sobre controle de orçamento pessoal e que desejam assistir mais palestras e cursos sobre o assunto por acharem muito importante, fator que mostra a necessidade de se inserir mais, dentro das escolas, o tema em pauta, para uma maior conscientização, por parte dos alunos acerca de como gerir melhor suas finanças.

Por fim, no contexto geral das considerações feitas ao assunto aqui abordado, reconhece-se que este não se esgota nesta pesquisa, sugerindo-se, portanto, a partir desta, outras pesquisas que venham contribuir para novas soluções acordadas sobre educação financeira na dinâmica das escolas, quer sejam, privadas ou públicas ou mesmo para moldar às questões aqui discutidas.

6. REFERENCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Oferta e demanda de educação infantil no campo** / [et al.] organizadoras. – Porto Alegre: Evangraf, 2012.

BEUREN, Ilse Maria (Org) et. Al. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BRASIL. Decreto 7.397 de 22 de dezembro de 2010. Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), Brasília, 2011.

BRUTES, Larissa; SEIBERT, Rosane Maria. O ensino da educação financeira a jovens de escolas públicas de Santo Ângelo. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**. Santo Ângelo, v. 10, n.18, p. 174-184, Maio/2014. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/4682733-O-ensino-da-educacao-financeira-a-jovens-de-escolas-publicas-de-santo-angelo-1-the-teaching-financial-education-for-young-public-schools-santo-angelo.html>>. Acesso em: 01 mai. 2021.

BRASIL. Vida e Dinheiro. Estratégia Nacional de Educação Financeira. Coordenação e Execução dos Programas. **Orientações para Educação Financeira nas Escolas**. 2018. Disponível em: < http://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Plano-Diretor-ENEF-anexos-ATUALIZADO_compressed.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2023.

BRUTES, Larissa; SEIBERT, Rosane Maria. O ensino da educação financeira a jovens de escolas públicas de Santo Ângelo. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**. Santo Ângelo, v. 10, n.18, p. 174-184, maio/2014. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/4682733-O-ensino-da-educacao-financeira-a-jovens-de-escolas-publicas-de-santo-angelo-1-the-teaching-financial-education-for-young-public-schools-santo-angelo.html>>. Acesso em: 01 mai. 2023.

D'AQUINO, Cassia. Educação Financeira: Dinheiro Compra Tudo? Educação Financeira Para Crianças. Ed. Português. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. Disponível em: <http://www.oecd.org/newsroom/global-economy-faces-gravest-threat-since-the-crisis-as-coronavirus-spreads.htm>. Acesso em: 2 jun. 2023.

D'AQUINO, Cássia de. O que é educação financeira. Disponível em: <https://www.educfinanceira.com.br/conteudo.asp>. Acesso em: 10 ago, 2023.

DOMINGOS, R. Dicas de Educação Financeira de Pais para Filhos. DSOP. 2016. Disponível em: Acesso em: 03 mar. 2023.

DOMINGOS, R. Eu mereço ter dinheiro! como ser feliz para sempre na vida financeira. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012b.

DOMINGOS, R. Livre-se das dívidas: como equilibrar as contas e sair da inadimplência. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012c.

DOMINGOS, R. Quando os Pais Devem Pensar sobre Mesada? Planeta Educação: Portal Educacional. 25 fev. 2013b. Disponível em: Acesso em: 03 mar. 2016.

DOMINGOS, R. Terapia Financeira: realize seus sonhos com Educação Financeira. São Paulo: DSOP Educação Financeira, 2012e.

DOMINGOS, Reinaldo. **Sabedoria financeira**: o milagre da multiplicação de seus recursos. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2013.

ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira) Plano Diretor ENEF. 2010. Disponível em: Acesso em: 10 mai. 2023.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar um projeto de pesquisa. São Paulo: Atlas 2002.



GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson Education, 2010.

GUIMARÃES, Fernanda. Melhores negócios que fiz foram em crises, diz Jorge Paulo Lemann. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,melhores-negocios-que-fiz-foram-em-crises-diz-jorge-paulo-lemann>. Acesso em: 12 Set. 2023.

https://portal.febraban.org.br/utm_source=google. Acesso: out. 2023.

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,melhores-negocios-que-fiz-foram-em-crises-diz-jorge-paulo-lemann>, acesso em 15 mai. 2023.

<https://memoria.ebc.com.br/associacao-brasileira-das-empresas-de-cartoes-de-credito-e-servicos.com.br>. Acesso em jul. de 2023.

<https://contec.org.br/saude-financeira-dos-brasileiros-piora-em-2022-diz-febraban> Acesso em 25 ago. 2023.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019>. Acesso: 09 de mai. 2023.

<https://www.google.com/search?q=folha+de+sao+ paulo+sobre+dimas+sold>. Acesso: out. 2023.

<https://doity.com.br/blog/importancia-do-seminario-na-vida-academica/>. Acesso: ago. 2023.

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/03/03/pib-do-brasil-despenca-41percent-em-2020.ghtml>. Acesso em 14 mai. 2023.

<https://www.google.com/qwww.associacaobrasileiriadeeducadorefinanceiros>. Acesso: 15 jun. 2023.

<https://www.ibge.gov.br>. Acesso: jun. 2023.

<https://www.google.com/produtointernobruto/ibge2021>. Acesso, 13 mai. 2023.

<https://www.jornalcontabil.com.br/educacao-financeira-disciplina-obrigatoria-nas-escolas/> acesso: 10 mai. 2023.

<https://www.Institutodeecocomiadaunicamp.br/unicampeassociacaobrasileiradoseducadoresfinanceiros/clipping/2018/02/27/com-educacao-financeira-na-escola-criancas-ajudam-pais-economizar>. Acesso, set. 2023.

https://www.google.com/search?q=ROUBINI&sca_esv=94797d56fd90ea36&sxsrf=AE3TifOdptDHs_xWGM_4A. Acesso: out. 2023.

KIYOSAKI, Robert T. **Pai rico: o poder da educação financeira – Lições sobre dinheiro** que não se aprende na escola. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

MAIA, Eny. A reforma do Ensino Médio em questão. São Paulo: Ed. Biruta. 2000.



MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MODERNELL, A. Quero Ser Rico. Brasília: Mais Ativos Educação Financeira, 2011.

OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico) Recommendationon Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness. 2005. Disponível em: Acesso em: 09 mai. 2023.

PREGARDIER, A. P. M. Educação Financeira - Jogos para sala de aula: uma abordagem lúdico-vivencial de formação de hábitos. Porto Alegre: AGE, 2015.

SERASA EXPERIAN. Mapa da Inadimplência no Brasil em 2014. São Paulo. 2014. Disponível em: < <http://www.serasaexperian.com.br/estudo-inadimplencia/>> Acesso em 10 de junho de 2023.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de educação financeira para a matemática escolar da educação básica. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, 11, Curitiba – PR. Anais..., Curitiba, PR, PUCPR, 2013.